

tinta das letras

A Tinta das Letras II

28 Escritores nas Artes Plásticas

Ana Cristina Cesar
Apicius
Armando Freitas Filho
Cacaso
Carlos Felipe Saldanha
Carlos Sussekind
Ferreira Gullar
Francisco Alvim
Gastão de Holanda
Hilda Hilst
Ivan Junqueira
José Godoy Garcia
José Lino Grünewald
José Paulo Moreira da Fonseca
Lélia Coelho Frota
Lucia Chamma
Maria Ângela Alvim
Maria Lúcia Alvim
Marina Colasanti
Millôr Fernandes
Naum Alves de Souza
Nicolas Behr
Octávio Mora
Olga Savary
Orlando Costa Ferreira
Paulo Gomide
Paulo Mendes Campos
Tite de Lemos

Ministério da Cultura
FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

A Tinta das Letras II

28 Escritores nas Artes Plásticas

Ana Cristina Cesar
Apicius
Armando Freitas Filho
Cacaso
Carlos Felipe Saldanha
Carlos Sussekind
Ferreira Gullar
Francisco Alvim
Gastão de Holanda
Hilda Hilst
Ivan Junqueira
José Godoy Garcia
José Lino Grünewald
José Paulo Moreira da Fonseca
Lélia Coelho Frota
Lucia Chamma
Maria Ângela Alvim
Maria Lúcia Alvim
Marina Colasanti
Millôr Fernandes
Naum Alves de Souza
Nicolas Behr
Octávio Mora
Olga Savary
Orlando Costa Ferreira
Paulo Gomide
Paulo Mendes Campos
Tite de Lemos

Ministério da Cultura
FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

Rio de Janeiro 1988

Apoio Cultural Caixa Econômica Federal

Ministério da Cultura
Fundação Casa de Rui Barbosa
Presidente Américo Jacobina Lacombe
Diretor Executivo Olavo Brasil de Lima Júnior

Centro de Difusão Cultural
Diretor Homero Senna

Curadoria e Montagem:
Setor de Eventos Culturais

Edição e Produção Gráfica:
Setor de Editoração

Apoio:
Biblioteca
Laboratório de Conservação e Restauração (LACRE)
Laboratório de Microfilmagem (LAMIC)
Setor de Filologia

SUMÁRIO

Dedicatória	5
Apresentação e agradecimentos	7
Os autores	9
Nota e abreviaturas	78
Peças em exposição	79

A Alexandre Eulalio

in memoriam

Este Catálogo é dedicado à memória de Alexandre Eulalio (Pimenta da Cunha) porque era intenção da Casa de Rui Barbosa convidá-lo para escrever a respectiva introdução. Ninguém mais indicado que ele para dizer ao visitante o que significam estes desenhos, estas ilustrações, estes guaches, estas aquarelas de poetas e escritores que também se dedicam às artes plásticas. Ele, que à aguda sensibilidade literária unia um gosto todo especial pela pintura (V. *Os Dois Mundos de Cornelio Penna*), por certo escreveria, a propósito, uma de suas páginas magistrais, salientando o que há de novo, de instigante, de desafiador nesta exposição.

Parte dos trabalhos aqui reunidos é de escritores que foram grupados sob os rótulos de "geração mimeógrafo", "poetas marginais" ou "alternativos". Alexandre Eulalio, cujo espírito se formou no estudo e na contemplação das obras imortais, nas bibliotecas e museus do Velho e do Novo Mundo, sem dúvida teria sensibilidade para compreender e explicar o que valem essas manifestações de artistas inquietos, insatisfeitos, inovadores. Levou-o, porém, a morte antes mesmo que lhe tivéssemos feito o convite para mais esta colaboração. Aqui fica, porém, o seu nome – homenagem dos numerosos amigos e admiradores que soube fazer na Casa de Rui Barbosa.

A TINTA DAS LETRAS II reúne 28 escritores contemporâneos. A maioria deles continua atuante e todos eles – uns como atividade regular, outros como manifestação esporádica – realizaram, além de sua obra literária, trabalhos de artes plásticas.

A Fundação Casa de Rui Barbosa promoveu em 1987 a exposição A TINTA DAS LETRAS [I], composta de trabalhos visuais de importantes escritores brasileiros dos séculos XIX e XX. Organizada com acervo do Centro de Literatura Brasileira da FCRB, a mostra trazia a público, de forma sistematizada, um rico material de arquivo.

A TINTA DAS LETRAS II expõe propositadamente um mosaico de tendências, tanto literárias quanto visuais, buscando registrar, seja na ausência de regras e modelos, seja na multiplicidade de técnicas e recursos gráficos utilizados, a absoluta liberdade que caracteriza o ato da criação em nossos dias. Com exceção de algumas peças pertencentes a colecionadores, a maioria dos trabalhos expostos foi, agora, coletada com os próprios autores.

A Fundação Casa de Rui Barbosa agradece a todos os participantes a colaboração prestada durante a organização da mostra. Um agradecimento especial a Analu Prestes, Angélica Godoy Modesto, Anna Maria Esnaty Villela, Anna Maria Inneco, Cora Rónai, Heloísa Buarque de Hollanda, Jorge Gomide, Laurênio José de Melo, Lize da Costa Ferreira, Maria Luísa e Waldo Aranha Lenz Cesar, Marieta Severo, Marylda Malheiros, Mário Borges, Paulo da Rocha Gomide Jr., Piedade Castello-Branco, Rita Mur-

tinho, Rosa Emília Machado Dias, Sílvia da Rocha Gomide, Sylvia Cunha da Rocha Gomide, Teresa Rezende Costa e Wilma Couto e Silva pelas informações complementares, textos e empréstimo de peças que em muito contribuíram para enriquecer esta exposição.

A Coordenação

ANA CRISTINA CESAR



Nasceu no Rio de Janeiro, em 1952, e morreu em 1983.

Poeta, jornalista e tradutora.

Aos sete anos foi apresentada ao mundo literário por Lúcia Benedetti, no Suplemento Literário da *Tribuna da Imprensa*. Formou-se em Letras pela PUC/RJ. Exerceu intensa atividade jornalística e editorial: consultora do Conselho Editorial da Editora Labor; colaboradora da seção cultural de *Opinião e Jornal do Brasil*, suplemento Livro do *Correio Braziliense*, revista *Malazartes*, jornal *Versus*, revista *Almanaque*, revista *Alguma Poesia*, Folheto da *Folha de São Paulo*; resenhista de livros para *Veja*, *Isto É*, *Leia Livros*.

Figura na antologia *26 Poetas Hoje*, coordenada por Heloísa Buarque de Hollanda.

Obras publicadas:

Cenas de Abril (poesia), 1979; *Correspondência Completa* (prosa), 1979; *Luvas de Pelica* (prosa), impresso na Inglaterra em 1980; *Literatura Não É Documento* (pesquisa), 1980; *A Teus Pés* (poesia/prosa), 1982, hoje em 8ª edição, 1988; *Inéditos e Dispersos* (poesia/prosa), 1985, edição póstuma organizada por Armando Freitas Filho.

"Fico quieta.

Não escrevo mais. Estou desenhando numa vila que não me pertence.

Não penso na partida. Meus garranchos são hoje e se acabaram.

.....
Ele me diz com o ar um pouco mimado que a arte é aquilo que ajuda a escapar da inércia.

.....
Explico mais ainda: falar não me tira da pauta; vou passar a desenhar; *para sair da pauta*.

.....
Desisto de escrever carta.

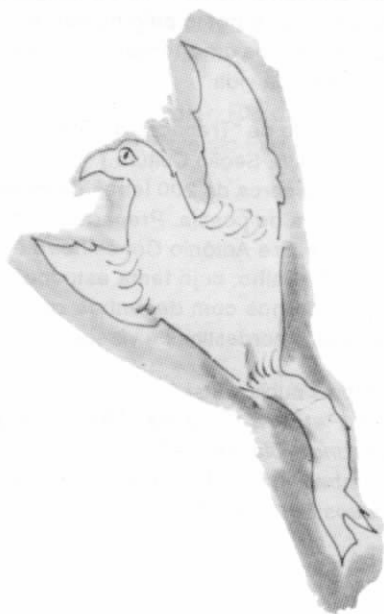
Desenho três patos presos numa loja.

(P.S. para ontem ou reflexos sobre a black box: o espaço incompleto no final da galeria era na verdade claro, aberto por uma clarabóia de vidro branco; na verdade havia uma passagem com três degraus para uma sala um pouco mais acima. O espaço incompleto não escondia nenhuma caixa preta – non, je ne veux pas faire le détective).

Prossigo meu desenho baixando ligeiramente a lâmpada porque a luz do dia escapa pela rua: uma fileira de patos opacos que escorrem pela página grosseiramente, esquecidos de tudo isso."

(Extraído de *Luvás de Pelica*. Inglaterra, ed. da autora, 1980)

ANTÔNIO CARLOS DE BRITO
(Cacaso)



Nasceu em Uberaba, Minas Gerais, em 1944. Morreu em 1987. Filho de fazendeiros, passou a infância no interior de São Paulo, e aos 11 anos mudou-se para o Rio de Janeiro. Fez curso de Filosofia e foi professor de Teoria Literária na PUC/RJ.

Ensaísta, crítico, conhecia estética a fundo e sabia música. Poeta, figura na antologia *26 Poetas Hoje*, de Heloísa Buarque de Hollanda. Em 1974 lançou a *Coleção Frenesi*, dedicada a um tipo de poesia independente e rejuvenescedora.

"Cacaso, alheio aos grupos literários, serviu como uma espécie de catalisador e dinamismo para toda uma geração de poetas - aqueles que foram agrupados pelos rótulos de 'geração mimeógrafo', 'poetas marginais' ou 'alternativos'. Dentro dessa tendência poética - que não chegou a configurar-se em movimento, com manifestos e plataformas literárias - houve lugar para Ana Cristina Cesar, Francisco Alvim, Chacal, Charles e Bernardo Vilhena. São poetas bastante diferentes, mas que, num período dos anos 70, encontraram uma série de afinidades: a produção artesanal de seus livros, o retorno ao coloquialismo modernista, o gosto pelo humor, as marcas da confusão dos anos 60 e uma tentativa de aproximar a poesia do cotidiano, da vida."

(Extraído de "Trapaças da Sorte", in: *Veja*, Rio de Janeiro, 6.1.1988. Seção Cultura.)

Deixou cerca de 200 letras de música popular, além de sete livros de poesia. Preparava um roteiro, em forma de cordel, sobre Antônio Conselheiro e a saga de Canudos. Deste trabalho, cujo tema estudou durante 7 anos, ficaram cadernos com desenhos coloridos do Conselheiro, paisagens nordestinas e versos.

Obras publicadas:

A Palavra Cerzida, 1967; *Grupo Escolar*, 1974; *Segunda Classe*, 1975; *Beijo na Boca*, 1975; *Na Corda Bamba*, 1978; *Mar de Mineiro*, 1982; *Beijo na Boca e Outros Poemas*, 1985.

"O corpo no cavalete
é um pássaro que agoniza
exausto do próprio grito.
As vísceras vasculhadas
principiam a contagem
regressiva.
No assoalho o sangue
se decompõe em matizes
que a brisa beija e balança:
o verde – de nossas matas
o amarelo – de nosso ouro
o azul – de nosso céu
o branco o negro o negro"

("Aquarela", in: *Grupo Escolar*. Rio de Janeiro,
Fon-Fon e Seleta, Coleção Frenesi, 1974)

APICIUS



Poeta e contista.

Autor e ilustrador da coluna "À mesa como convém" do *Jornal do Brasil*, há 12 anos.

Obras publicadas:

As Trufas Podres, 1963; *Cruzeiro Turístico*, 1982; *Poemas do Amor Venal*, 1984 *Confissões Íntimas*. Crônicas. Rio de

14 Janeiro, José Olímpio, 1986.

"Comecei a desenhar", diz Apicius, 'para ilustrar meus textos. Tornar a matéria mais atraente e, ao mesmo tempo, ganhar mais espaço no jornal, pois obrigava o diagramador a trabalhar com o branco que os desenhos exigiam. A partir daí o desenho me pegou: hoje tenho blocos e blocos repletos. Desconfio até que agora gosto mais de desenhar do que escrever'.

Os trabalhos concordam com esta afirmativa: sem grandes preterições e incorporados à noção de ilustração, eles são divertidos, irônicos e cáusticos, pequenas crônicas visuais da nossa gulodice."

(Marcus de Lontra Costa, in: *Isto É*, 13.5.87)

ARMANDO FREITAS FILHO



Nasceu no Rio de Janeiro em 1940.
Poeta.

Obras publicadas:

Palavra, 1963; *Dual*, 1966; *Marca Registrada*, 1970; *De Corpo Presente*, 1975; *Mademoiselle Furta-cor*, 1977; *À Flor da Pele* (tablóide), 1978; *À Mão Livre*, 1979; *A Meia Voz a Meia Luz*, 1982; *Longa Vida*, 1982; *3x4*, 1985 (prêmio Jabuti de poesia, 1986); *Paissandu Hotel*, 1986; *Anos 70-Literatura* (ensaio), 1979, com Heloísa Buarque de Hollanda e Marcos Augusto Gonçalves; *Apenas Uma Lata* (infanto-juvenil) 1980; *Breve Memória de um Cabide Contrariado* (infanto-juvenil), 1985.

"Ali encontro a linha
o começo do desenho
o rascunho do corpo
de carvão
superposto
na paisagem amarrotada
da cidade"

(Extraído de "Cidade Maravilhosa", in: *À Mão Livre*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1979)

CARLOS FELIPE SALDANHA
(Zuca Sardana)

Poeta, nasceu no Rio de Janeiro.

"Escreve com penas de urutau. Ostenta várias medalhas. Perdeu grande parte das obras numa mala de crocodilo que fugiu e mergulhou na Lagoa."

Figura na antologia *26 Poetas Hoje*, coordenada por Heloísa Buarque de Hollanda.

Dentre os livros publicados, destacam-se:

Cadeira de Bronze, 1957; *Rex Shinshu*, 1968; *Diálogos do Professor Fumegas com o Busto de Napoleão*, 1974; *O Príncipe Strogonoff*, 1975; *No Fundo do Boné*, 1975; *O Pincenez Rachado*, 1975; *Memórias Apócrifas (do Professor Fumegas à Sombra da Mangueira)* 1975; *Aqueles Papéis*, 1975; *Quo Vadis, Brummel?*, 1976; *Annone*, 1976; *Ás de Colete*, 1979; *Visões do Bardo. Figurinhas Rex*, 1980; *Os Mistérios*, 1980; *Almanach Sportivo*, 1981; *O Papagaio Verde*, 1982; *Enigmas*, 1982; *O Trono Ameaçado*, 1983; *Le Perroquet*, 1983; *El Párraro de Crystal*, 1983; *Metham Orphosis*, 1983; *O Jornaleiro Perneta*, 1983; *Chantecler*, 1983; *Arauto Universal*, 1983; *A Eminência Griz da Corte do Rei Filipe*, 1985; *A Volta do Conde de Montechristo*; *Tentativa de Definição*; *Réu Confesso*; *Noticiário Internacional*; *Nostradamus*; *Despilfarro*



O CONDE DE LISLE



O Conde de Lisle
 tanto cantou o Érebo
 aquele lugarzinho escuro
 entre a terra e o inferno
 em seus belos versos turquesa
 sépia amarantho e furtacor
 encarnado e bordô
 que sua alma com certeza
 cavalgando um cisne
 porque na Europa não tem condor
 por agora perambula
 nas soturnas galerias do metrô.



CARLOS SUSSEKIND



Nasceu em 1933 no Rio de Janeiro.

Romancista e tradutor.

Obras publicadas:

Os Ombros Altos, 1960, reeditado em 1985, com desenhos do autor, e *Armadilha para Lamartine*, 1976.

A respeito da arte de Carlos Sussekind, em 1968, por ocasião da exposição na galeria Gead, no Rio de Janeiro, Joaquim Pedro de Andrade escreveu:

"Os Desenhos da Série 'O Escritório'

Em 1958, entusiasmadíssimo com as primeiras idéias de um romance em gestação, o futuro autor, preocupado em conter o próprio entusiasmo, resolve gastar o excesso de euforia em um primeiro romance preparatório, mais curto, espécie de antecipação do outro, que devia ser puro entusiasmo da primeira à última página.

Escreve então uma estória de amor, *Os Ombros Altos*, que publica em 1960. Descobre entretanto que, afastando-se temporariamente do trabalho que de fato o estimulava, corria o risco de perder por completo aquele entusiasmo, cujo excesso era incômodo mas cuja extinção seria irreparável. Para resolver esse problema, recorre a um artifício. Entrega-se, nos intervalos da elaboração de *Os Ombros Altos*, ao desenho e à pintura, o que lhe permite manter aceso indiretamente o entusiasmo e trazer as idéias do romance em aquecimento propício.

Publicado o primeiro romance, parecia chegada a hora de iniciar o outro, quando o autor verifica que não poderia atacar a estória sem antes aquecê-la com alguns outros desenhos, servindo-se deles para iniciar vibrações remotas que o avizinhassem mansamente da fonte central de felicidade que era o projeto de romance em gestação. Ocorreu assim que os desenhos, tidos como subprodutos de uma gestação literária a prazo indefinido, ganharam existência independente, deixaram a condição de 'vibração remota' para tornar-se criação autônoma, desvincularam-se de seus compromissos literários. Prova disso é que já agora, como se nota nos últimos trabalhos da série, os desenhos conseguiram finalmente libertar-se da dimensão fixa anterior, o chamado 'formato ofício', a que se encontravam presos desde que nasceram."

FERREIRA GULLAR
(José Ribamar Ferreira)



Nasceu em São Luís do Maranhão, 1930.

Poeta, jornalista e crítico de arte. Ensaísta e tradutor de Alfred Jarry e Edmond Rostand. Escreve também para o teatro.

Dentre as obras publicadas, destacam-se:

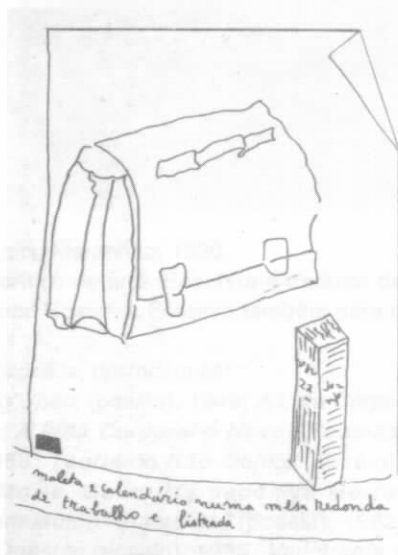
Um pouco Acima do Chão, (poesia), 1949; *A Luta Corporal* (poesia), 1954; *A Luta Corporal e Novos Poemas*, 1956; *Poemas*, 1958; *Teoria do Não-Objeto* (ensaio), 1959; *João Boa Morte, Cabra Marcado Pra Morrer* (poesia), 1962; *Quem Matou Aparecida?* (poesia), 1962; *Cultura Posta em Questão* (ensaio), 1965; *Vanguarda e Subdesenvolvimento* (ensaio sobre arte), 1969; *Se Correr o Bicho Pega, Se Ficar o Bicho Come* (teatro), com Oduvaldo Vianna Filho, 1966; *A Saída? Onde fica a Saída?* (teatro), com Armando Costa e A.C. Fontoura, 1967; *Dr. Getúlio, Sua Vida e Sua Glória* (teatro), com Dias Gomes, 1968; *Dentro da Noite Veloz* (poesia), 1975; *Um Rubi no Umbigo* (teatro), 1979; *Antologia Poética*, 1977; *Uma Luz do Chão* (ensaio), 1978; *Na Vertigem do Dia*, 1980; *Baru-*

"Minha verdadeira paixão é a pintura"
(declaração de Ferreira Gullar, em 4 de julho de 1988)

"Eu sei que se tocasse
com a mão aquele canto do quadro
onde um amarelo arde
me queimaria nele
ou teria manchado para sempre de delírio
a ponta dos dedos."

("Pintura", in: *Barulhos*. Rio de Janeiro, José
Olimpio, 1987)

FRANCISCO ALVIM



Nasceu em Araxá, Minas Gerais, em 1938.

Poeta. Figura na antologia *26 Poetas Hoje*, coordenada por Heloísa Buarque de Hollanda.

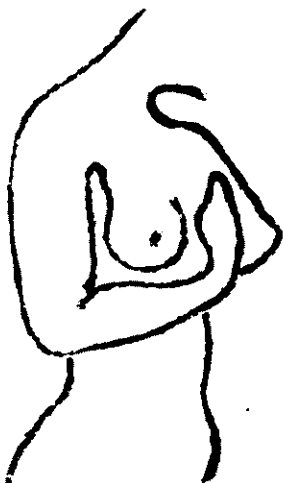
Obras publicadas:

Sol dos Cegos, 1968; *Passatempo*, 1974, reeditado com outros poemas em 1981; *Dia Sim, Dia Não* (com Eudoro 24 Augusto), 1978; *Lago, Montanha*, 1981; *Festa* 1981.

"Vejo a tarde através da grande vidraça
Nuvens branco-cinza contra um céu azul claro
Ocre dos pequenos cones de barro que enci-
mam as chaminés
Gradação de cinza nos tetos de ardósia
Imutável como um dos quadros da sala
a tarde se faz alterar pelo tempo
em nuvens que já não as mesmas
numa diversa luz."

("Argila", in: *Passatempo*. Rio de Janeiro, Fon-
Fon e Seleta, 1974. Col. Frenesi.)

GASTÃO DE HOLANDA



Nasceu em Recife, em 1919.

Poeta e romancista. Crítico literário e de artes plásticas. Professor.

Editor fundador de *O Gráfico Amador* (Recife), que funcionou como prensa manual e campo de pesquisa de artes gráficas, de 1954 a 1964, e que deu origem à fundação do Curso de Artes Gráficas da UFPE.

Editor fundador da Editora Fontana (Rio de Janeiro), especializada em livros de arte, vendida em 1977.

Editor, no Rio, da revista *José*, de literatura, crítica e arte, e *Belo, Belo*, de parceria com Edmar Mello.

Obras publicadas:

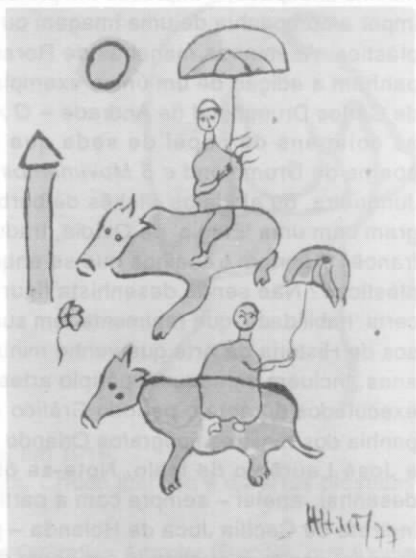
Zona de Silêncio (contos), 1951; *Os Escorpiões* (romance, prêmio José de Anchieta do IV Centenário de São Paulo), 1954; *Macaco Branco* (prosa), 1955; *O Burro de Ouro* (romance), 1960; *Eu Te Previno* (poesia), 1969; *Capibaribe, o Iceberg do Ar* (poesia), 1977; *Cor-purificação* (poesia), 1979; *O Atlas do Quarto* (poesia), 1979; *O Jornal* (poesia), 1981; *O Dragão Encurralado* (poesia), 1983; *A Breve*

26 *Jornada de D. Cristobal* (romance), 1985.

AS EXTENSÕES DO TIPÓGRAFO

"As minhas tentativas de ilustração que acompanham certos textos de edições de tiragem limitada e fora de comércio são realmente extensões do tipógrafo. O prazer artesanal de organizar um texto composto a mão ou mesmo linotipado, e impresso em prelos manuais, parece impor a companhia de uma imagem ou de uma tradução plástica. As minhas manchas de Rorschach que acompanham a edição de um único exemplar do livro inédito de Carlos Drummond de Andrade – *O Amor Natural* – ou as colagens de papel de seda que ilustram *Nudez*, poema de Drummond e *5 Movimentos*, sonetos de Ivan Junqueira, ou ainda os clichês de barbante que se integram com uma 'Elegia' de Ovídio, traduzida por mim, do francês – seriam trabalhos que se enquadram nas artes plásticas? Não sendo desenhista figurativo, apelei para certa 'habilidade' que realmente tem suas raízes nos cursos de História da Arte que venho ministrando há muitos anos. Incluem-se naquele périplo artesanal os trabalhos executados durante o período Gráfico Amador, em companhia dos mestres tipógrafos Orlando da Costa Ferreira e José Laurênio de Melo. Note-se que, não sabendo desenhar, apelei – sempre com a participação direta ou indireta de Cecília Jucá de Holanda – para a abstração, ficando, assim, a qualidade por conta do bom gosto e do improviso."

("As Extensões do Tipógrafo", depoimento de Gastão de Holanda. Rio de Janeiro, 1988)



Nasceu em Jaú, São Paulo, em 1930.

Poeta, ficcionista e dramaturga.

Obras publicadas:

Presságio (poemas), 1950; *Balada de Alzira*, 1954; *Balada do Festival*, 1955; *Roteiro do Silêncio* (poemas), 1959; *Trovas de Muito Amor Para Um Amado Senhor* (poemas), 1959 e 1961; *Ode Fragmentária*, 1961; *Sete Cantos do Poeta para o Anjo*, 1962 (Prêmio PEN), reeditado em 1967; *Poesia 1959/1967*; *A Possessa* (teatro), 1967; *O Rato no Muro* (teatro), 1967; *O Visitante* (teatro), 1968; *Auto da Barca de Camiri* (teatro); *O Novo Sistema* (teatro), 1968; *As Aves da Noite* (teatro), 1968; *A Morte do Patriarca* (teatro), 1969; *O Verdugo* (teatro, Prêmio Anchieta), 1969; *Fluxofloema* (ficção), 1970; *Qadós* (ficção), 1973; *Ficções*, 1977; *Poesia*, 1980; *A Obscena Senhora D.*, 1982; *Da Morte. Odes Mínimas*, 1980.

"Rasteja, voa, passeia
Com toda lenteza
Sobre a minha Idéia

Em espiral
Oblonga, retilínea
Te recrio terra
Sobre a minha Idéia.

(Caracol de sumos
Andorinha
Crina).

Vagueia sobre a minha Idéia.
E não sei se flui

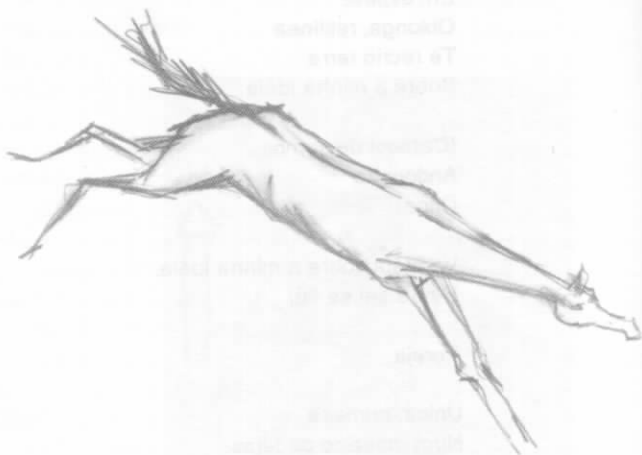
Poreja

Única, primeira
Num mosaico de teias.

Se infinita sobre a minha Idéia.
Se assemelha à Vida."

(Extraído de *Da Morte. Odes Mínimas*.
São Paulo, Massao Ohno, 1980)

IVAN JUNQUEIRA



Nasceu no Rio de Janeiro, em 1934.

Poeta e crítico literário. Tradutor de Baudelaire, Jorge Luís Borges, T.S. Eliot e Marguerite Yourcenar.

Jornalista, colaborou na *Tribuna da Imprensa*, no *Correio da Manhã*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*.

Como crítico literário, escreveu para *Cadernos Brasileiros*, *Correio da Manhã*, *Leitura* e *Senhor*, e mais tarde colaborou nos suplementos literários de *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*.

Obras publicadas:

Os Mortos (poesia), 1964 (Menção Honrosa no Concurso Jorge de Lima); *Três Meditações na Corda Lúrica* (poesia), 1974; *A Rainha Arcaica* (poesia), 1980 (Prêmio Nacional de Poesia do INL, em 1981); *Testamento de Pasárgada* (antologia crítica, sobre a poesia de Manuel Bandeira), 1981; *Dias Idos e Vividos* (antologia crítica, sobre a prosa de não-ficção de José Lins do Rego), 1981; *Cinco Movimentos* (poesia), 1982; *À Sombra de Orfeu* (ensaio), 1984 (Prêmio Assis Chateaubriand, da Academia Brasileira de Letras, em 1985); *O Grifo* (poesia), 1987; *O*

30 *Encantador de Serpentes* (ensaio), 1987.

"Severa e pura
pedra escultura
o tempo dura
em tuas curvas

sulco após sulco
ângulo cunha
toda te aguças
seca nervura

te acuam musgo
farpa de chuva
branco de bruma
penumbra inútil

mas nada suja
nem subjuga
na pedra abrupta
tu mesma nua

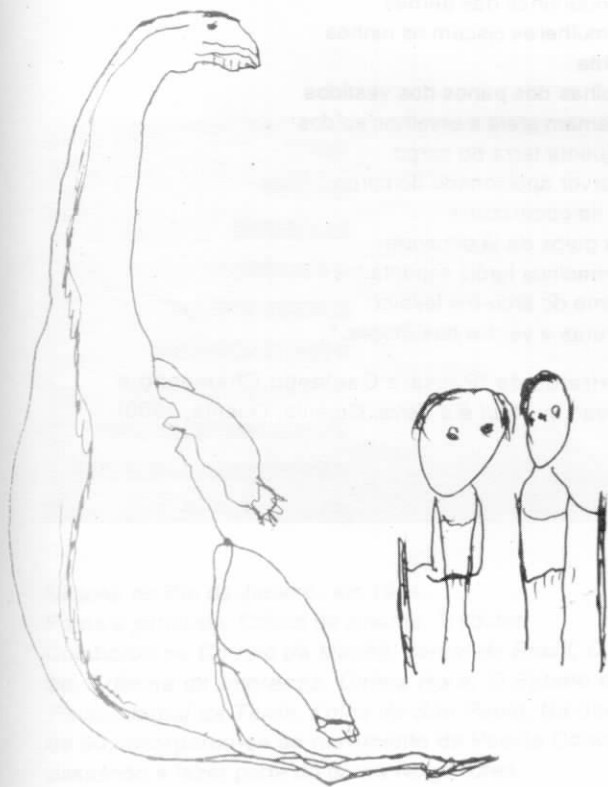
e que tumulto
em tua postura
tão tumba nunca
mas dentro júbilo

mais dentro tu
tua gula surda
do que é transcurso
e se transmuda

assim perduras
infanta fúnebre
pois é defunta
que vens a lume"

("Canção Estatuária", in: *A Rainha Arcaica*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.)

JOSÉ GODOY GARCIA



Nasceu em Goiás, é poeta há 40 anos. Escreveu um romance, *O Caminho de Trombas*, em 1966.

Seu primeiro livro de poesia foi *Rio do Sono*, em 1948. Seguiram-se *Araguaia Mansidão* (poesia), 1972; *A Casa do Viramundo* (poesia), 1980; *Aqui É a Terra* (reedição de poesia), 1980; *Entre Hinos e Bandeiras* (poesia), 1985; *Os Morcegos* (poesia), 1986; *Os Dinossauros dos Sete Mares*, 1988. Em andamento, a publicação de suas poesias completas *Memórias da Terra*, em comemoração aos 40 anos de sua atividade de poeta, e *Florismundo Periquito*, novela.

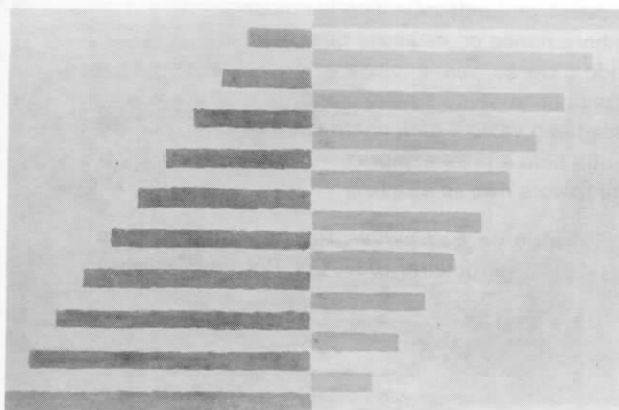
Amizade do homem com os caminhos
como lisa mesa a terra amanhecendo em Bata-
[tinha

o povo vindo nos campos
as andorinhas das pernas
das mulheres ciscam os ninhos
da vida
as folhas dos panos dos vestidos
derramam areia e orvalhos saídos
da quente terra do corpo.
no fervor apaixonado do corpo.

O rio cocal corria
os galos de lá olhavam
vermelhos faróis espantados
a ponte do arco-íris levava
as frutas e ventre das moças."

(Extraído de "Pássaro Cantando Chamando a
Chuva", in: *Aqui é a Terra*. Goiânia, Oriente, 1980)

JOSÉ LINO GRÜNEWALD



Nasceu no Rio de Janeiro, em 1931.

Poeta e jornalista. Crítico de cinema. Tradutor.

Colaborou no *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Tribuna da Imprensa*, *Última Hora*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde*, *Folha de São Paulo*. Na década de 50, incorporou-se ao movimento de Poesia Concreta, passando a fazer parte do grupo *Noigandres*.

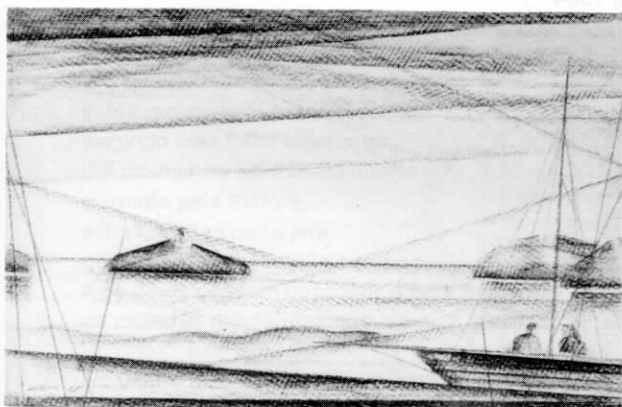
Obras publicadas:

Um e Dois (poesia), 1958; *Antologia Noigandres 5* (poesia), com Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Décio Pignatari e Ronaldo Azeredo, 1962; *Antologia de Ezra Pound* (traduções), com Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari e Mário Faustino, 1968; *A Idéia do Cinema* (montagem, tradução e introdução), 1968; *Transas Traições Traduções* (poesias, traduções, ensaios), 1982; *Escreviver*, (poesia), 1987; *Grandes Sonetos de Nossa Língua* (antologia; seleção e organização), 1987; *Bocage Poemas* (seleção e organização), 1987.

"leste ao longo um lago de murmúrios
da longelinha em fumo, este, agonia
de um levante, dia a dia, sol pensar
poente, aurora, um S vagante espi-
lado e nada – fumaça, fole, fogo
e o sempre branco desafio da folha
em frente ao acaso enquanto a face
traços conta, dois a dois, perdidos
na densa profunda névoa noite nuvem
da hora nunca do estar até que a sombra
vindo o clarão, viva e tombe
a treva no ausente e novo plano
suceda ao vazio – cão, charneca e céu
ó, que pólo e já se explora
que trevo e não se atreve?"

(Extraído de *Escreviver*. Rio de Janeiro, Nova
Fronteira, 1987. Col. Poesia Brasileira)

JOSÉ PAULO MOREIRA DA FONSECA



Nasceu no Rio de Janeiro em 1922.

Poeta, autor dramático, ensaísta. Pintor, com inúmeras exposições no País. Estreou na literatura em 1947.

Obras publicadas:

Elegia Diurna (poesia), 1947; *Poesias*, 1949; *Concerto* (poesia), 1950; *Dois Poemas*, 1951; *Dido e Enéas* (teatro em versos livres), 1953; *A Tempestade e Outros Poemas* (poesia), 1956; *Raízes* (poesia), prêmio Graça Aranha, 1957; *Três Livros* (poesia), prêmio Jabuti, 1958; *Breves Memórias de Alexandros Apollonios*, 1960; *Seqüência* (poesia), 1962; *O Mágico* (farsa), 1963, prêmio Luiza Cláudio de Souza, 1964; *Uma Cidade* (poesia), 1965; *Exposição de Arte – Temas Gerais e Artes Plásticas no Brasil* (ensaio), 1965; *Antologia Poética*, 1968; *O Tempo e a Sorte* (poesia), 1968; *Palavra e Silêncio* (poesia), 1974; *A Noite o Mar o Sol* (poesia), 1975 (Prêmio Estadual GB de Literatura-Poesia, 1974); *A Simples Vida* (poesia), 1972, prêmio Paula Brito; *Luz Sombra* (poesia), 1973, prêmio Jabuti de 1974; *Voz para o Silêncio de um Criado* 37

(separata da revista *Liturgia e Vida* nº 129), 1975; *José Paulo: O Pintor e o Poeta*, 1976; *Sextante* (poesia), 1977, prêmio Golfinho de Ouro 1977/1978; *Tua Morada é a Viagem* (antologia), 1980; *Via Sacra de Jesus Hoje* (teatro), 1980; *Quixote Sempre* (diálogos e poemas). Separata da revista *IBM*, ano III, nº 10) 1981; *Cores e Palavras*. Diário de Viagem, 1982; *Caminhos do Verde* (poemas em prosa) 1984.

"A tela, as cores, a mesa,
o quadro ainda ser pensado e vago
no seu estofo de ar e de sonho
que incita a mão buscá-lo,
lenta, artilosa
caçadora de pássaros:
aqui um pouco de cobalto,
lá uma curva, um rosa bem curtido,
ao longe, a brancura ajuntando nuvens...

E o que foi feito aconselha
sobre o que resta fazer-se
exigindo uma hábil vizinhança,
um diálogo na solidão do quarto
povoado pela música:
achas acesas na lareira
para que a emoção não se apague
e os olhos possam descobrir a face da beleza
na multidão das formas que o acaso oferece.

No último plano se ponha um retângulo de mar
alegrando com sua brisa leal
o castanho de uma porta exausta.
Em cima qualquer nesga de janela
fresta aberta na distância...

Senhor e servo nesse mundo que edifico
devo obedecer a leis que a mente encontra
não como débil capricho
mas à maneira de alguém que deslindasse
as arestas de um cristal
afastando a neblina que o cobria.

Quando se finda a faina,
a obra feita
parece julgar-me
a alguns passos do olhar:
coisa nova na terra, coisa palpável.

Enfrentamo-nos,
vem o momento em que ela me agradece
se fui fiel ao fazê-la,
ou me ordena que a modifique

por mostrar-se em desacordo com a Eterna Har-

[monia

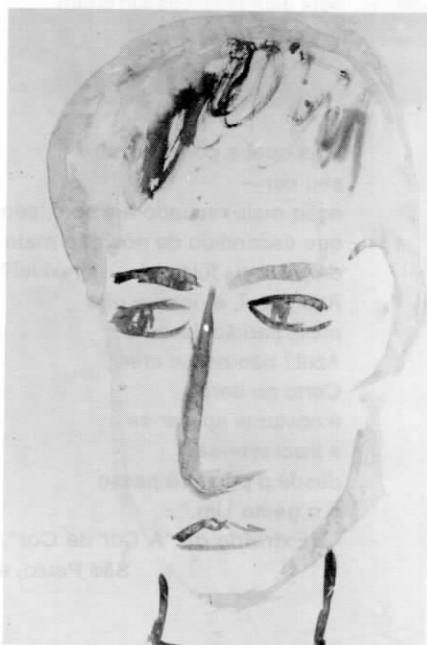
que zela pelo mundo

desde as estrelas

até o menor dos grãos no areal imenso..."

("No Atelier", in: *O Tempo é a Sorte*. Rio de Janeiro,
Tempo Brasileiro, 1968)

LÉLIA COELHO FROTA



Nasceu em 1937, no Rio de Janeiro.
Poeta.

Obras publicadas:

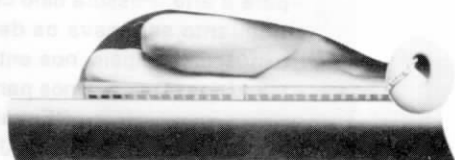
Quinze Poemas, 1956; *Alados Idílios*, 1958 (1º prêmio IV Concurso Feminino de Poesia de *A Gazeta*); *Romance de Dom Beltrão*, 1960; *Caprichoso Desacerto*, 1965; *Poesia Lembrada*, 1971 (menção honrosa do Prêmio Literário Nacional); *Menino Deitado em Alfa*, 1978 (Prêmio Jabuti da Câmara do Livro e Prêmio Olavo Bilac da ABL); *Veneza de Vista e Ouvido*, 1986; *Mitopoética de Nove Artistas Brasileiros*, 1985.

Azul, como sabê-lo?
Ilusão de retina,
Íntima
tocaia da pupila
antagônica, mordaz, inconseqüente
que a verdade veríssima se negue
e dispa em suaves a fímbria do real
azul azul real, sussurrariam
(porque vêem
porque lêem
porque crêem)

Mas qual a cor do azul
seu cor –
ação mais recuado em som, sem nome
que escondido de nós não mate a fome
de precisos folguedos, inflexível?
Azul, azul, e porque não
afinil, carídio, issonte?
Azul? não posso crer.
Certo no berço
é costume aplicar-se
e inscrever-se
desde o primeiro passo
e o gesto Um.”

(Extraído de “A Cor de Cór”, in: *Alados Idílios*,
São Paulo, ed. particular, 1958)

LUCIA CHAMMA



Nasceu no Rio de Janeiro em 1949.

Poeta e novelista.

Obras publicadas:

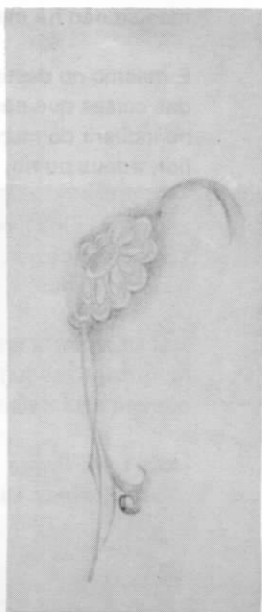
Era Uma Vez Um Elefante Amarelo (poesia), 1976, com capa da autora; *Poemas Encabulados* (poesia), 1978; *Olho d'Água* (poesia), 1979, com ilustrações da autora; *Bico de Lacre* (poesia), 1980, com ilustrações de Martha Lanari Coelho; *Porão das Ervas* (romance), 1987, na capa, colagem da autora.

Obs.: Nos quatro primeiros livros a autora assinava-se Lucia Soares de Moura.

"Trabalhava em colagens. Agora entendia o pedido no último bilhete: 'Preciso de revistas, de preferência estrangeiras, por causa do papel. Quero de todos os temas'. Conseguia criar, em cima do acabado, demonstrando as várias e infindas leituras para a arte. Possuía olho certo para a minudência. Enquanto sapecava os dedos de cola, pinçando minúsculos papéis, nos entretínhamos com assuntos vários. Treinávamos parceria, a inventar letras."

(*Extraído de Porão das Ervas.*
Rio de Janeiro, Alhambra, 1987)

MARIA ÂNGELA ALVIM



Nasceu em 1926, na **Fazenda do Pouso Alegre**, Município de Volta Grande, na Zona da Mata, Minas Gerais. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1959. Formada em Assistência Social em 1945, manteve ligações com o movimento *Économie et Humanisme*, do Padre Lebret.

Poeta.

Dos livros que escreveu, apenas um foi publicado em vida: *Superfície*. Rio de Janeiro, Edições Calazans, 1950. Sua obra, considerada de rara maturidade poética apesar da morte prematura, aos 33 anos, foi editada em 1962 pelo Departamento de Imprensa Nacional, sob os auspícios do Ministério da Educação e Cultura: é o volume *Poemas*, que inclui *Superfície*, *Barca do Tempo* – que Maria Ângela deixou composto em exemplar único e artesanal –, *Outros Poemas* e *Poemas de Agosto*, além da prosa poética *Carta a um Cortador de Linho*. *Poemas* foi reeditado em 1980 pela Editora Fontana (Rio de Janeiro), em convênio com o Instituto Nacional do Livro (Brasília).

Para um tempo de olhar a cor é breve
e já no repensar foge ao momento.
Quis ser na flor, no adeus, no rio lento,
mas se não há memória, não se atreve.

E mesmo no destino quase leve
das coisas que não sofrem entendimento
no indiferir do mundo desatento,
flor, adeus ou rio, – a cor é breve.

Lançando uma tenuíssima aparência
ao engano de ser, entretecida,
a cor, refluindo, é vã sobrevivência.

Mal se anuncia em tons, e apenas crível
na remontante fuga da subida
demora azul, refeita de invisível.

("Cor", in: *Barca do Tempo*, 1950-1955, incluído
em *Poemas*. Rio de Janeiro, Fontana/INL, 1980).

MARIA LÚCIA ALVIM



Nasceu em Barreiro, Araxá, Minas Gerais, em 1932.

Autodidata. Poeta e artista plástica.

Obras publicadas:

XX Sonetos, 1959 (1º Prêmio do V Concurso Feminino de Poesia, de *A Gazeta*, São Paulo, 1958); *Pose*, 1968; *Coração Incólume*, 1968 (Menção Honrosa no Concurso de Poesia Instituto Nacional do Mate, 1965); *Romanceiro de D. Beija*, 1979; *A Rosa Malvada*, 1980.

Exposições:

1978 – “Colagens”, Rio de Janeiro, Galeria Divulgação e Pesquisa. Exposição de que participaram Maria Lúcia, com “A Moda”, e Marco Paulo Alvim.

1980 – “Retratos e Colagens”, Rio de Janeiro, Petite Galerie.

"Musas inimigas
a cor e a palavra:
aquela redime,
a outra calcina.

Em nossa fraqueza
com ambas dormimos,
pois que nos transmitem
tal temperatura

à branca epiderme
e à alma sem cura,
que não poderíamos
optar por nenhuma.

A cor é meu forte
(minha confidente)
e nunca se altera
quando menstruada.

Porém as palavras
possuem malícia –
também apunham
e viram ferida."

("Cor e Palavra", in: *Pose*. Rio de Janeiro, Leitura,
1968.)

"A vida é um todo
fragmentar esse todo é meu grande deleite
tesoura papel
obedecem a uma lógica inexorável
fazem de mim
 simples brinquedo"

("Colagem", in: *A Rosa Malvada*.
Rio de Janeiro, Fontana, 1968.)

MARINA COLASANTI



Nasceu em 1937, em Asmara, Etiópia. Morou em Trípoli, depois na Itália, vindo para o Brasil em 1948.

Poeta e cronista. Redatora, entrevistadora e apresentadora em TV. Pintora, desenhista, gravadora, com várias exposições realizadas.

Obras publicadas:

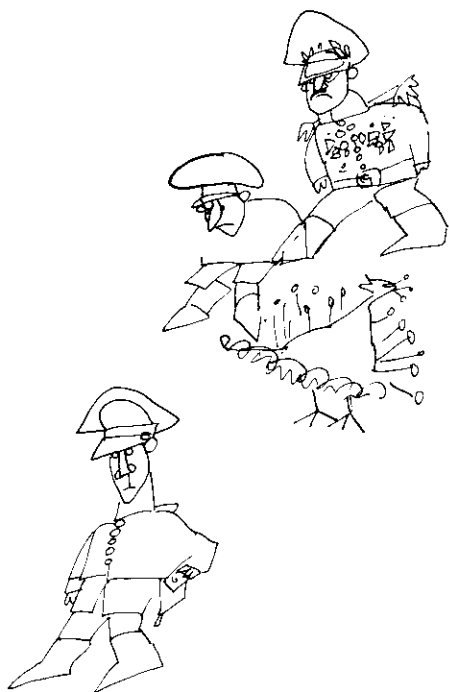
Eu Sozinha, 1968; *Nada na Manga*, 1973; *Zoológico*, 1975; *A Morada do Ser*, 1978; *Uma Idéia Toda Azul*, 1979, ilustrada pela autora (Grande Prêmio da Crítica Livro/Autor em literatura infantil, da APCA, e prêmio Melhor Livro para Jovens, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, 1980); *Uma Nova Mulher*, 1980; *Mulher Daqui pra Frente*, 1981; *Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento*, 1982, livro de contos de fadas, com capa, ilustrações e projeto gráfico da autora; *A Menina Arco-Íris*, 1984, com capa, ilustrações e projeto gráfico da autora; *E Por Falar em Amor*, 1984; *O Lobo e o Carneiro no Sonho da Menina*, 1985 (infantil); *Uma Estrada Junto ao Rio*, 1985 (infantil); *Contos de Amor Rasgado*, 1986; *O Verde Brilha no Poço*, 1986 (infantil); *O Menino que Achou uma Estrela*, 1988 (infantil); *Um Amigo Para Sempre*, 1988 (infantil).

"Pintar foi minha primeira escolha, quando ainda adolescente. A escrita veio depois. E de uma forma apenas natural as duas se ligaram indissoluvelmente. Pois não é preciso estar sempre de pincel na mão para pintar, nem é somente com os dedos nas teclas da máquina que se escreve.

É na maneira de olhar e de analisar o mundo, no esforço de formalizar sensações, que seguimos a ótica do nosso fazer. Assim me é impossível ver, sem estar ao mesmo tempo desenhando contornos, decifrando cores e arrumando frases."

(Extraído de catálogo de exposição na Galeria Dezon, Rio, 1981)

MILLÔR FERNANDES



Nasceu no Méier, Rio de Janeiro, em 1924. Um erro de escrivão registrou-o Millôr, em lugar de Milton, e o nome foi adotado a partir dos 17 anos.

Jornalista desde os 14 anos. Humorista e chargista, em 1945, com o pseudônimo Vão Gogo, assinou em *O Cruzeiro* a seção Pif-Paf. Com este nome lançou, anos mais tarde, uma revista quinzenal que teve apenas seis números, primeira revista de imprensa alternativa no Brasil. Colaborou no *Diário da Noite*, em *A Cigarra*, no *Pasquim* e na revista *Veja*. Hoje colabora no *Jornal do Brasil* e na revista *Isto É*.

Teatrólogo e tradutor de peças teatrais.

Expôs desenhos no MAM, em 1957, e na Petite Galerie,

52 em 1961.

Obras publicadas:

Tempo e Contratempo, 1954; *Teatro de Millôr Fernandes*, 1957; *Um Elefante no Caos* (teatro), 1962; *Flávia, Cabeça, Tronco e Membros* (teatro), 1963; *Lições de Um Ignorante*, 1963; *Fábulas Fabulosas* (humor), 1963 a 1987; *Liberdade, Liberdade*, com Flávio Rangel (teatro), 1965; *Papáverum Millôr* (poesia), 1967; *Hai-Kais* (poemas), 1968; *A Verdadeira História do Paraíso* (humor), 1972; *Computa, Computador, Computa* (teatro), 1972; *Trinta Anos de Mim Mesmo* (jornalismo), 1972; *O Livro Vermelho dos Pensamentos de Millôr* (humor), 1973; *O Livro Branco do Humor*, 1975; *Compozissôis Imfâtis*, 1975; *Reflexões Sem Dor* (humor), 1977; *Devora-me ou te Decifro* (humor), 1977; *Millôr no Pasquim*, 1977; *É* (teatro), 1977; *A História é Uma História* (teatro), 1978; *O Homem do Princípio ao Fim* (teatro), 1978; *Bons Tempos, Hein?* (teatro), 1979; *Os Órfãos de Jânio* (teatro), 1979; *Deseñhos*, 1981; *Vidigal, Memórias de um Sargento de Milícias* (teatro), 1981; *Todo Homem é Minha Caça*, 1981; *Diário da Nova República* (jornalismo), vol. I, 1985; vols. II e III, 1988; *Poemas*, 1986; *Hai-Kais* (poemas), 1987.

Fez inúmeras traduções; dentre as mais importantes, destacam-se: *O Rei Lear* e *A Megera Domada*, de Shakespeare; *Fedra*, de Racine; *Escola de Mulheres*, de Molière.

Nem exagero de hipérbole, nem o calcar das tintas, o desenhar de Millôr atinge uma reserva de espírito e de humor atada a uma compostura irônica, com todo o ar de uma inclinação nativa, o hábito de ver de cima, visão superior independente, quase o desejo de uma abertura, por mínima que seja, sem criar obstáculos para o trânsito. Despontam a paródia, o corte aforístico que eleva o desenho à metáfora do costume, apagando fanfaronices e misérias. O corrente é também para rir, pois rindo é que se percebe estar alguém errado, dando-nos a sensação de estar certo."

(Extraído de Pietro Maria Bardi, prefácio de *Desenhos*. Rio, Raízes, 1981).

"Millôr Fernandes é controverso. Como o foram e são, em vida, todos os grandes artistas. Sua arte verbal e icônica, aparentemente efêmera, porque conjuntural e circunstancial, é perdurante: dá-nos medida, do gozo, da alegria, da tristeza, da esperança e do desespero; e não nos promete o Céu; mas, neste Inferno, mostra que, pelo espírito e pelo sorriso, se pode ter alguns momentos de Paraíso. Mesmo não se congeminando com sua cosmovisão – pode-se pedir mais?"

(Extraído de Antônio Houaiss, apresentação em *Desenhos*. Rio, Raízes, 1981).

NAUM ALVES DE SOUZA



Nasceu em Pirajuí, São Paulo, em 1942.

Teatrólogo, cenógrafo, figurinista, ator; professor, fundou, com seus ex-alunos, o Pod Minoga Studio, centro de pesquisas e realizações em teatro e artes plásticas.

Detentor de vários prêmios: foi agraciado com o Mam-bembe, o Molière, o Prêmio da Associação Paulista de Críticos Teatrais (APCA), e Prêmio Governador do Estado de São Paulo e outros.

Pintor, desenhista e gravador.

Obras publicadas:

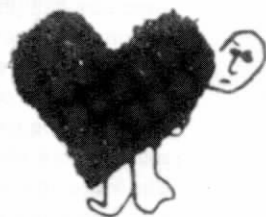
A Aurora da Minha Vida, 1982; *No Natal a Gente Vem Te Buscar*, 1983; *Um Beijo, um Abraço, um Aperto de Mão*, 1986.

"Sem nunca ter deixado de ser o artista plástico original, criador de bonecos que não fizeram sucesso apenas no show de Elis Regina, mas também em campos como a televisão – onde desenhou o Garibaldi celebrizado pelo programa Vila Sésamo, da Rede Globo –, Naum é hoje, sobretudo, um homem de teatro. E um homem de teatro que, além de escrever o texto, dirige suas peças e ainda cuida da cenografia, tudo com a mesma mão precisa e criativa."

(Extraída da orelha do livro *Um Beijo, um Abraço, um Aperto de Mão*. São Paulo, M.G. Ed. Associados, 1986)



NICOLAS BEHR



Nasceu em Mato Grosso do Norte, em 1958.

Poeta.

Publicou em edições particulares, pela Pobrás (Poesia Brasileira), Brasília, a maioria mimeografada.

Das obras publicadas, destacam-se:

logurte com Farinha, 1977; *Vinde a Mim as Palavrinhas*, 1978, mimeo; *Chá com Porrada*, 1978; *Grande Circular*, 1978; *Bagaço Pra Ler com os Dentes*, 1979; *Brasiléia Desvairada*, 1979; *Kruh*, 1979; *Te Amo 24 Horas por Segundo*, 1979; *Posições e Algumas Imposições*, 1979; *303 F 415*, 1980; *Restos Mortais*, 1980.

"O rio não responde
quando lhe pergunto onde vai,
ele de meu coração não sai.

Meu coração é feito dessas pedras
que pelo rio vão rolando
como lágrimas daqueles que
o perderam.

Meu rio é feito dessas lágrimas
que salgam o mar de lama
que nos cerca.

Mas meu mar não é azul nem verde
ele tem a cor das raízes
das árvores que no leito do rio
vão tombando.

E com minhas lágrimas
meu rio vai secando
e meu triste coração murchando."

("Um Rio Chama Coração", in: *logurte Com Farinha*. Rio de Janeiro, s. Ed., 1977. Col. Use e Lambuze)

POETA MARGINAL? EU, HEIN!

não nasci em montes claros, não tenho nome completo, não sou professor, não consegui conciliar nada com a literatura, nunca publiquei nada, atualmente não resido em porto alegre, não me chamo eduardo veiga, não escrevo poesia há mais de 15 anos, não estou organizando meu primeiro livro, não sou graduado em letras, não acredito que a poesia seja necessária, não estou concluindo nenhum curso de pedagogia, não colaboro em nenhum suplemento literário, não estou presente em todos os movimentos culturais da minha terra, não sou membro da academia goiana de letras, não trabalho como assessor de assuntos culturais da sec, meus pais não foram ligados ao cinema, não tenho tema preferido, não comecei a fazer teatro aos 12 anos, não me especializei em literatura hispano-americana, não tenho crônicas publicadas n'O REPÚBLICA de lisboa, não passei minha infância em pindamonhangaba, não canto a esperança, não recebi nenhuma premiação em concurso de prosa e poesia, não tenho 7 livros inéditos, não sou considerado um dos maiores poetas brasileiros, nunca fui convidado para dar conferências em universidades, não vejo poesia em tudo, não faço parte do grupo noigandres, não me interesso por literatura infantil, não sou casado com o poeta afonso ávila na minha estréia literária não recebi o prêmio estadual de poesia, o crítico josé batista nunca disse nada a meu respeito, não sofri influência de bilac, não sou ativo, nem dinâmico, não abandonei a faculdade para me casar, não me dedico com entusiasmo à pecuária, não admiro bandeira, não sou portador de vasto curriculum, não recebi nenhuma menção honrosa no concurso de poesia ferreira gullar, não exerço nenhuma atividade docente, nem decente, não iniciei minha carreira literária no exército, não fui a primeira mulher eleita para a academia acreana de letras, não tenho poemas traduzidos para o francês, não estou incluído num livro a ser publicado no méxico, minha poesia não

é corajosa, não gosto de arqueologia, walmir ayalla nunca me considerou um revolucionário, nunca tentei compreender o homem na sua totalidade, não vim para o brasil com 5 anos, não aprendi russo para ler maiakovski, meu pai não é chileno, não sou virgem, sou capricórnio, não sou mãe de 6 filhos, nunca escrevi contos, não me responsabilizo pelos poemas que assino, não sou irônico, não considero drummond o maior poeta da língua portuguesa, não gosto de andar de bicicleta, não sou chato, nem simpático, não sei em que ano aconteceu a semana de 22, não imito ninguém, não gosto de rock, não sou primo dos irmãos campos, não sou nem quero ser crítico literário, nunca me elogiaram, nunca me acusaram de plágio, não te amo mais, minha poesia nunca veiculou nada, não sei o que vocês querem de mim, não espero publicar nenhum romance, não sou lírico, não tenho fogo, não sei que horas são, não escrevi isto que vocês estão lendo.

brasiléia desvairada, fevereiro de 80

(Extraído de *Restos Mortais*, poesia pau-brasilíia, Brasília, Senado Federal, 1980. Coleção Machado de Assis)

OCTÁVIO MORA
(Octávio Eugênio Mora Couto e Silva)



Nasceu no Rio de Janeiro, em 1933.

Poeta. Publicou seu primeiro poema na revista *Universidade* e logo depois no *Correio da Manhã*, em 1953.

Obras publicadas:

Ausência Viva, 1956; *Terra Imóvel*, 1957; *Corpo Habitável*, 1967; *Pulso Horário*, 1968; *Saldo Prévio*, 1968; *Exiliurbano – Andar Térreo*, 1975; *Oda Amarga y Otros Poemas*, editado no México em 1985.

"Octávio Mora sempre se pautou como poeta por um certo paralelismo com as Artes Plásticas, achando mesmo que essa não é uma característica só dele, mas de toda a modernidade. Foi muito depois dos primeiros poemas, e até de mais da metade de seus livros, que se interessou pela prática do Desenho e da Pintura. Talvez esta prática tenha decorrido, ou pelo menos tenha influenciado a autoconstatação de que, embora nunca rompendo com o conceitual, foi sempre predominantemente visual, em suas imagens poéticas.

[...] Mas, ao pintar ou desenhar, embora como atividades vicárias, não o move senão a intenção de forjar paisagens que o impressionaram. Daí, o apego a um certo pós-impressionismo, se assim se pode chamá-lo, paisagístico e afetivo (via representantes diretos e indiretos do Núcleo Bernardelli): paisagístico no tema e afetivo no alvo que seria guardar (como a um poema, de cor) visualmente uma cena ou um figurante."

(Depoimento de Vilma Couto e Silva, em
4.7.1988)

"Preparo a argila do tempo
e a manhã vai, vagarosa,
fazendo-se por si mesma.

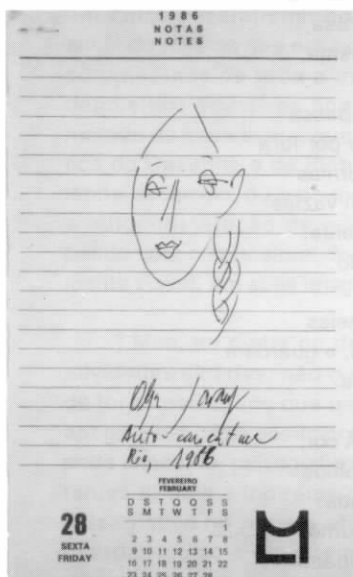
Modelo uma treva espessa
que por dentro e que por fora
me rodeia: surgem formas
que em mim estavam vazias
e onde o dia, lentamente,
derrama seu conteúdo:

Porque logo ficam cheias
fecham-se as formas, e guardam
um volume sem saída.

Tornam-se opacas. A cor,
contudo, revela aos olhos
a luz que ficou fechada:
salta aos olhos o volume,
e as dimensões iluminam
as superfícies que dormem."

("Criação", in: *Ausência Viva*.
Rio de Janeiro, Livr. São José, 1956)

OLGA SAVARY



Poeta, contista, tradutora e jornalista.

Nasceu em Belém, em 1933, filha única de pai russo e mãe brasileira. Estudou em Belém, Fortaleza e Rio. Escreve desde 1949, e com o pseudônimo de Olenka publicou poemas em jornais e revistas do Rio de Janeiro, Pará e Minas Gerais. Editou seu primeiro livro em 1970. Exerce jornalismo literário há mais de 20 anos, no Brasil e no exterior, tendo recebido em 1987 o prêmio Assis Chateaubriand, da Academia Brasileira de Letras para Coletânea de Artigos Literários Publicados na Imprensa.

Dentre as obras publicadas, destacam-se:

Espelho Provisório, 1970 (Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro); *Sumidouro*, 1977 (Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos de Arte); *Altaonda*, 1979 (Prêmio de Poesia da União Brasileira de Escritores de São Paulo, 1981); *Natureza Viva*, 1982; *Magma*, 1982 (Prêmio Olavo Bilac da ABL, 1983); *Hai-Kais*, 1986; *Li-nha-Dágua*, 1987.

Traduziu mais de trinta obras entre as quais algumas de Neruda, Mario Vargas Llosa, Carlos Fuentes, Octavio Paz e Júlio Cortázar.

"Quando menina, paixões eram dança e desenho. A dança ficou só no desejo. Com o desenho veio junto a poesia e a ficção. [...] não parei de desenhar. Nunca aprendi. Mas sempre desenhei e arrisquei algumas pinturas: óleo, guache, acrílico. Fiz auto-retrato, retratos de pessoas e amigos, caricaturas, naturezas mortas e paisagens. Técnica mista também, pintura com colagens etc. E ilustrações para jornais e revistas. Só que fui rareando. Voraz, a literatura engoliu-me o tempo todo. Hoje desenho só de vez em quando."

Olga Savary

Rio, 24 de junho de 1988

(extraído de depoimento da escritora)

"Aos tombos muros, paredes das casas
a flutuar na crescente escuridão azul

quando azuis quase se tornam folhas,
a tarde torna-se azul em sua queda.

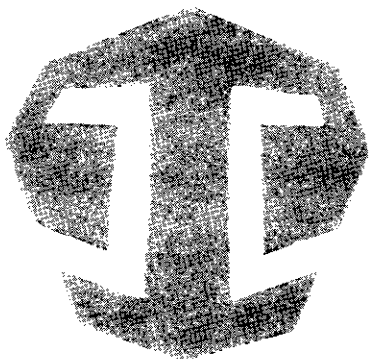
Azul é o que a gente vira na tarde
mas, magma, é de outra cor nosso desejo.

Quando começa o acender das luzes
o azul tudo teria comandado

e o estar em tudo não nos ilharia
não fora o jogo de viciar os dados."

["Cor", in: *Berço Esplêndido*,
inédito, Prêmio Nacional de Poesia
Artur de Sales, 1987, da Academia de
Letras da Bahia; no prelo, a sair em
agosto/setembro por RK Editores)

ORLANDO DA COSTA FERREIRA



Nasceu no Engenho da Conceição, Município de Rio Formoso, Pernambuco, em 1915. Morreu em 1975, no Rio de Janeiro.

Poeta, ensaísta, jornalista.

Dirigiu o suplemento literário do *Jornal do Comércio* do Recife e manteve a seção Alfabeto e Imagem.

Foi um estudioso das artes, técnicas e processos de impressão de livros e estampas.

Em 1964 transferiu-se para o Rio de Janeiro, a serviço do Banco do Brasil, e organizou a Biblioteca Técnica do Museu do Banco.

Compôs verbetes sobre tipografia, processos fotomecânicos, artes e indústrias gráficas, indústria do papel, bibliografia e bibliologia em geral para o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda.

Colaborou na *ReMAG (Revista Métodos de Artes Gráficas)*, do Rio.

Preparou verbetes monográficos sobre tipografia, gravura e cartaz para a *Enciclopédia Mirador Internacional*.

Em 1973, a convite do prof. Américo Jacobina Lacombe, foi dirigir a Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Obras publicadas:

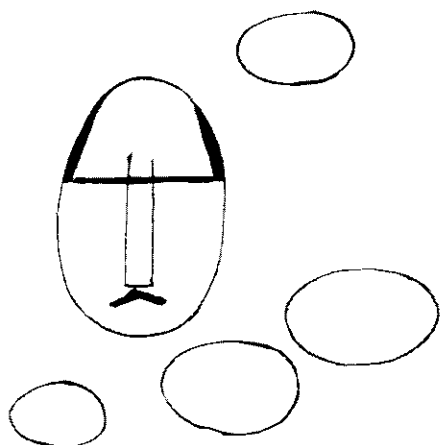
Dois Poemas Incidentes, Recife, Gráfico Amador, 1961 (com projeto gráfico e vinhetas do autor); "A Serpente e a Lira" (ensaio), in: Estudos Universitários, *Revista de Cultura da Universidade do Recife* nº II, Recife, out-dez. 1962; *Imagem e Letra. Introdução à Bibliografia Brasileira. A Imagem Gravada*, São Paulo, 1977. Deixou quase concluído um ensaio de pesquisa histórica e memória familiar que teria como ponto de partida a Revolução Pernambucana de 1817, e como título *O Poço da Revolução*.

Mancha de vinho, azeite que não larga,
Na madeira da mesa, deixai cair vossas pala-
[vras.

Na seca madeira da mesa, irmã de antiga porta
Hermética, tatuada de arranhões,
Irmã de degraus submissos, mansa cadeira,
[trave oculta.

Mas falai com alegria e voz sonora,
Alento, tensa vontade, cordas vibrando, sinos,
Algazarra de pássaros – antigamente,
Mulher de branco ao sol, estradas, terra vermelha,
Cintilante cristal, água,
Lugares esquecidos e os lugares
Que em sonho freqüentamos, como sombras."

(Extraído de "Último Bar", in: *Dois Poemas Incidentes*. Recife, o Gráfico Amador, 1961).



Nasceu na Paróquia de Mairiporã, Juqueri, hoje Município Franco da Rocha, São Paulo, em 1912. Morreu em 1982. Estudou na Suíça e na Inglaterra.

Aos 19 anos, vice-cônsul na França (Marselha), aproveitando os conhecimentos artísticos e gráficos aprendidos na Suíça, começou a se interessar por artes plásticas e tornou-se amigo de muitos artistas que habitavam o sul da França nessa época. No início da década de 30 volta ao Brasil. Em 1933, no Rio de Janeiro, começa a trabalhar em jornalismo, no *Diário Carioca* e *A Noite*.

Como artista plástico e gráfico, elaborou campanhas para a Panair do Brasil.

A partir de 1947 dedica-se ao magistério.

Mais tarde, já aposentado, é que começa a aparecer como poeta-artista. Publica seus primeiros poemas em diversos jornais.

Nos anos 50 sua atividade literária foi maior que a da pintura.

Em 1963 recebe o título de Poeta Laureado pela Cidade de Petrópolis, da Academia Petropolitana de Letras. Mais

tarde, entretanto, predomina o artista plástico.

Obras publicadas:

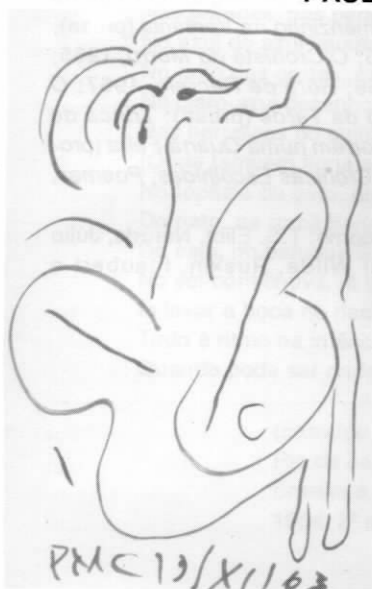
Poemas, 1951, ilustrados a mão pelo autor, edição reduzida; *Pequenos Poemas*, 1953, capa e desenhos do autor; *Águas-fortes do Piabanha*, 1956; *Flamengo & Outros Poemas*, 1955, capa do autor; *Duas Elegias*, 1956, exemplar único; *Natal Carioca*, 1957; *Petrópolis: Névoa & Ouro*, 1959; *Gomide 9-6-0*, 1962, capa e desenhos do autor; *O Eco e o Grito*, 1966; *HEI* (O Homem, o Ambiente, o Diálogo & o Êxtase), 1969, com desenhos do autor.

"Paulo remete ainda um volume mínimo, em forma de sanfona, que ele mesmo compôs e imprimiu numa oficina de Petrópolis, para comemorar o seu próprio 44º aniversário, 20 exemplares só, colecionadores, e o meu não emprestarei nem à ordem do general Lott. Águas-fortes do Piabanha é o título, e não sei de palavra que mais convenha à índole deste poeta: ao verniz especialíssimo, exigido para sensibilizar a placa de cobre, junta o ácido nítrico de um temperamento inconformado com o que na vida é feio, falso ou burro. Corrosivo e meigo, assim vejo Paulo Gomide.

Nas águas-fortes, a impressão de ruço revela a mestria do gravador, e é com delícia que dele vemos emergir um Eduardo Gomes pedalando, um Sílvio da Cunha, e outras figuras bem conhecidas de Petrópolis. De alguém, diz Gomide que é 'das duas mãos canhoto', e assim me sinto eu diante da virtuosidade ambidextra do poeta, pintor (esquecia-me de contar esse dom), publicitário, homem estranho e passional em tudo que pensa e cria. Salutamos te, Gomide!"

Carlos Drummond de Andrade
(Extraído de "O Aquafortista",
coluna Imagens da Serra, in:
Correio da Manhã, 2.4.56)

PAULO MENDES CAMPOS



Nasceu em Belo Horizonte, em 1922.

Veio para o Rio de Janeiro em 1945.

Contista, cronista, poeta, jornalista e tradutor.

Escreve desde criança, quando fez o romance-reportagem *Fugindo de Casa*. Para TV, escreveu para o programa *Pensamento Vivo* e os seguintes Casos Especiais: *Poema Barroco* (sobre o Aleijadinho); *O Caminho das Pedras Verdes* (sobre Fernão Dias Paes) e *Ciranda, Cirandinha*. Em viagem à Europa, em 1949, percorreu a Itália, com Cícero Dias, Rubem Navarro e Antônio da Costa (pintor português) e, em Taormina, pintou alguns quadros, que Cícero Dias guardou "como exemplo de pintura esquizofrênica".

Em Belo Horizonte foi diretor do Suplemento da *Folha de Minas*; no Rio de Janeiro, foi redator do *Correio da Manhã* e colaborou em *O Jornal*, *Diário Carioca*, *Manchete* e *Cláudia*. Atualmente assina crônicas no *Jornal do Brasil*.

Dentre as obras publicadas, destacam-se:

A Palavra Escrita (poesia), 1951; *O Domingo Azul do Mar* (poesia), 1958; *Forma e Expressão do Soneto*; *Páginas* 73

de Humor e Humorismo (pequena antologia); *O Cego de Ipanema* (prosa), 1960; *Homenzinho na Ventania* (prosa), 1962; *Poemas Corais*, 1965; *O Cronista do Morro*, 1965; *Testamento do Brasil*, 1966; *Hora de Recreio*, 1967; *O Anjo Bêbado*, 1969; *Diário da Tarde* (prosa); *Trinca de Copas* (prosa), *Os Bares Morrem numa Quarta-Feira* (prosa); *Transumanas* (prosa); *Crônicas Escolhidas*; *Poemas*, 1984, 2ª ed.

Traduziu diversos autores, como: T.S. Eliot, Neruda, Júlio Verne, H.G. Wells, Oscar Wilde, Ruskin, Flaubert e outros.

"O melhor texto li naquele tempo,
Nas paredes, nas pedras, nas pastagens,
No azul do azul lavado pela chuva,
No grito das grutas, na luz do aquário,
No claro-azul desenho das ramagens,
Nas hortalças do quintal molhado
(Onde também floria a rosa brava)
No topázio do gato, no be-bop
Do pato, na romã banal, na trava
Do caju, no batuque do gambá,
No sol-com-chuva, já quando a manhã
Ia lavar a boca no riacho.
Tudo é ritmo na infância, tudo é riso.
Quando pode ser onde, onde é quando."

(Extraído de "Infância", in: *Poemas*.
Rio de Janeiro, Civilização
Brasileira,
1984, 2ª ed.)

TITE DE LEMOS



Nasceu no Rio de Janeiro, em 1942.

Poeta.

Obras publicadas:

Marcas do Zorro, 1979; *Corcovado Park*, 1985. No prelo:

76 *Caderno de Sonetos*.

"Verde a azul hortelã
no meio-dia cor de gelo cachoeiras
as violetas transparências
o noturno natal
a morte matinal
aquecerão toda morada onde habitar o vosso
[coração."

(Extraído de *Marcas do Zorro*.
Rio de Janeiro, Nova Fronteira,
1979. Col. Poesis.)

"espalha espumas, fagulhas, resíduos, cacos ao r
edor do que rebentou.

Os melhores artilheiros da costa não são ca
pazes de rastrear os reais rumos desses trilhões d
e farelos.

O mais que se ficou sabendo foi que, pron
to.

Estouramos um cordão vermelho bruto pa
ra celebrar."

("A Arrebentação", in:
Corcovado Park. Rio de Janeiro, Nova
Fronteira, 1985.)

As peças que não possuem identificação de procedência pertencem ao acervo dos escritores.

Os títulos entre aspas foram atribuídos pelos próprios autores; entre colchetes, pela coordenação da mostra.

Abreviaturas

ass. - assinado

col. - coleção

col. part. - coleção particular

FCRB - Fundação Casa de Rui Barbosa

mimeo - mimeografado

org. - organizado, organização

pref. - prefácio

s.d. - sem data

s. Ed. - sem editor

s. l. - sem local

s.n.t. - sem notas tipográficas

PEÇAS EM EXPOSIÇÃO

Ana Cristina Cesar

- Caderno com desenhos e textos (28 folhas). Inglaterra, 1980.
Caneta hidrográfica.
Col. Maria Luísa e Waldo Aranha Lenz Cesar.
- *Inéditos e Dispersos*. Poesias/prosa. Org. e introd.: Armando Freitas Filho. São Paulo, Brasiliense, 1985.
Desenho da capa: Bia Wouk. O livro contém desenhos da autora.

Antônio Carlos de Brito (Cacaso)

- "Tropicália". Poema; manuscrito e ilustrado pelo autor. Sem assinatura. "Fazenda Sta. Maria 22.12.74 (quase 75)".
Nanquim e guache/papel.
0,156x0,210
- "Signo". Poema; manuscrito e ilustrado pelo autor. Sem assinatura e s.d.
Bico-de-pena e nanquim/papel.
0,156x0,210
- "Manias". Poemas; manuscrito e ilustrado pelo autor. Sem assinatura e s.d.
Bico-de-pena e nanquim/papel.
0,156x0,210
- "Golpe de Estado". Poema; manuscrito e ilustrado pelo autor. Sem assinatura. "Fazenda Santa Maria 22.12.74 (quase 75)".
Bico-de-pena, nanquim e caneta hidrográfica/papel.
0,156x0,210
- Sem título. Sem assinatura e s.d.
Bico-de-pena e guache/papel.
0,156x0,210
- Versos para a trilha sonora de um filme sobre Canudos.
Manuscritos e ilustrados pelo autor. Sem assinatura e s.d.
Dois bicos-de-pena e lápis-cera/papel.
0,325x0,475
- Disco. *Ultraleve*, de Rosa Emília. Contém dez músicas, nove com letra de Cacaso. Produção artística e direção de produção de Rosa Emília e Cacaso. No encarte, desenhos

de Cacaso e Rosa Emília. Rio de Janeiro, Grapho Produções Artísticas, 1988.

- *Mar de Mineiro*. Poemas e Canções. Rio de Janeiro, edição do autor, 1982. Fotos de Pedro de Moraes, Desenhos de Malena Barreto. Visual: Marta Costa Ribeiro. Capa e divisórias; Bel Martins.
- *Beijo na Boca*. Poesia. Rio de Janeiro, s.Ed., 1975. Col. Vida de Artista. Capa de Massoca.

Os trabalhos de Cacaso aqui relacionados pertencem à col. Rosa Emília Machado Dias.

Apicius

- Vinte e três desenhos publicados no *Jornal do Brasil*. Ass.: &, s.d. (Vinte e um bicos-de-pena/papel e dois bicos-de-pena e lápis de cor/papel/).
0,183x0,128 (dimensões máximas)
- *Confissões Íntimas*. Crônicas. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1986. Capa de Fernanda Gomes, com desenho do autor. O livro contém desenhos de Apicius.

Armando Freitas Filho

- Caricatura de Carlos Drummond de Andrade. Sem assinatura e s.d.
Lápis/papel.
0,220x0,080
- Caricatura de Mário de Andrade. Sem assinatura, s.d.
Esferográfica/papel.
0,200x0,065
- Rock [caricatura de Janis Joplin]. Sem assinatura e s.d.
Esferográfica/papel.
0,155x0,115
- Sem título. Ass.: Armando 11 março 82.
Esferográfica/papel.
0,211x0,145.
- 3 x 4. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. Prefácio de Flora Süssekind. Capa: Victor Burton, sobre aquarela de Rubens Gerchman.

Carlos Felipe Saldanha (Zuca Sardana)

- Sem título. Sem assinatura e s.d.
Técnica mista/papel
0,315x0,465

- *Cadeira de Bronze*. Rio de Janeiro, Gráfica Tupi, 1957. Capa e ilustrações do autor.
- *Aqueles Papéis*. Rio de Janeiro, Prograf, 1975. Col. Vida de Artista. Capa do autor.
- *As de Colete*. 1979. Mimeo. Ilustrações do autor e de Guy.
- *Visões do Bardo*. Figurinhas Rex. 1980. Mimeo. Capa e ilustrações do autor.
- *Os Mistérios*. 1980. Mimeo. Ilustrações do autor e de Guy.
- *Almanach Sportivo: Primeiras Olimpíadas Sociais*. 1981. Mimeo. Capa e ilustrações do autor.
- *O Jornaleiro Perneta*. 1983. Mimeo. Capa e ilustrações do autor.
- *O Papagaio Verde*. 1982. Mimeo. Capa e ilustrações do autor.
- *Adolfinho Lacuca e Outras Fábulas*. Mimeo. Capa e ilustrações do autor.
- *Metamorphosis*. 1983. Mimeo. Capa e ilustrações do autor.
- *Despílarro Cósmico*. Mimeo. Capa e ilustrações do autor.
- *Alvim, Francisco. Lago, Montanha*. Rio de Janeiro, Janex, 1981. Col. Capricho. Capa do autor. Ilustração de Carlos Saldanha na p. 87.

Os trabalhos acima descritos pertencem à col. Francisco Alvim.

Carlos Sussekind

- "Círculo de Leitores". Ass.: C. Sus. [1969].
Guache/papel.
0,218x0,322
- "O Escritório". Ass.: Carlos Sussekind 5/04 1985.
Cópia xerográfica de trabalho realizado em 1969 (3/20).
0,297x0,420.
- "Suicídio diante de Testemunhas". Sem assinatura [19.2.1985].
Cópia xerográfica de trabalho realizado em 1967.
0,295x0,420.
- "Auto-retrato. Ass.: C. Sus. 61.
Caneta hidrográfica/papel.
0,218x0,272
- "Cafezinho". Sem assinatura [1969].
Guache/papel.
0,220x0,327
- Três composições: figuras feitas com auxílio de tipos e diversos sinais combinados de máquina datilográfica. Sem assinatura e s.d.

- 0,150x0,137 (dimensões máximas).
- Composição: figuras. Sem assinatura e s.d.
Ampliação xerográfica de figuras feitas a máquina de escrever.
0,330x0,333
- *Os Ombros Altos*. Rio de Janeiro. Livr. Taurus, 1985. Capa de Irene Peixoto, com desenho do autor. O livro contém desenhos de Carlos Sussekind.
- *Armadilha para Lamartine*. Prólogo de Hélio Pelegrino. Rio de Janeiro, Labor do Brasil, 1976. Capa de Silvia Roesler com desenho do autor.

Ferreira Gullar

- [Gato]. Ass.: F. Gullar, 1979.
Aquarela/papel.
0,204x0,160
- Paisagem. Sem assinatura e s.d.
Aquarela/papel.
0,138x0,186
- Natureza morta. Ass.: FG 85.
Óleo/papel.
0,180x0,255
- Natureza morta. Ass.: FG 1982.
Óleo/papel.
0,236x0,369.
- Natureza morta. Ass.: FG 82.
Óleo/papel.
0,265x0,368
- Auto-retrato. Ass.: FG 78.
Óleo/tela.
0,440x0,310
- "Os Bem e os Mal Vestidos, Retrato da América Latina".
Ass.: no verso: FG 1985.
Óleo/tela.
0,280x0,372
Pintado a partir de fotografia publicada na revista *Veja*, em 1985, sobre acontecimentos ocorridos no Peru.
- *Barulhos* (1980-1987). 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1987. Ilustração da Capa: Antônio Jeremias.

Francisco Alvim

- Marinha. Sem assinatura e s.d.
Óleo/tela.
0,265x0,405

- Frenesi. Capa de Heloísa Buarque de Hollanda. Fotografias de Aby Flaksman.
- *Lago, Montanha*. Rio de Janeiro, Janex, 1981. Col. Capricho. Capa do autor e ilustração de Carlos Saldanha na p. 87.
 - *Águas Emendadas*. 13 poetas de Brasília. Brasília, Thesaurus, 1977. Capa: Jô Oliveira. Ilustração de Francisco Alvim na p. 112.

Gastão de Holanda

- Andrade, Carlos Drummond de. *O Amor Natural*. Dezesesseis poemas inéditos. S.l., [ed. por Gastão de Holanda], 1977. Ilustrações (em aquarelas) de Gastão de Holanda. Prova do artista. Destes poemas foi tirada apenas uma cópia, em exemplar único, para José Mindlin.
- Andrade, Carlos Drummond de. *Nudez*. Rio de Janeiro, Linolivro, 1980. Ilustrações de Gastão de Holanda e Cecília Jucá. Nº 6 de uma tiragem de 6 exemplares.
- Ovídio. *Elegia*. Recife, O Gráfico Amador, 1961. Tradução e ilustrações de Gastão de Holanda (clichês em barbante colado em Formiplace).
- Junqueira, Ivan. *Cinco Movimentos*. Sonetos. Rio de Janeiro, Linolivro, 1982. A edição consta de 3 exemplares ilustrados pelos tipógrafos Gastão de Holanda e Cecília Jucá.
- *O Atlas do Quarto*. Poemas. Rio de Janeiro, Fontana, [1979]. Capa e projeto gráfico do autor.

Hilda Hilst

- Seis ilustrações em cores, impressão em *off-set* para o livro *Da Morte. Odes Mínimas*. Ass.: H. Hilst/77.
- *Da Morte. Odes Mínimas*. 50 poemas. São Paulo, Massao Ohno/Roswitha Kempf, 1980.

As peças acima descritas pertencem a Marylda Malheiros.

Ivan Junqueira

- Três desenhos de cavalo. Ass.: Ivan Junqueira/1960. Lápis/papel. 0,220x0,330
- "Duelo in the British Museum". Onze desenhos em sequência. Sem assinatura. 1962. Caneta hidrográfica/papel. 0,120x0,145

- "O Baixinho" e "O Músico Alto". Ass.: Ivan/69.
Nanquim e aquarela/papel.
0,330x0,220
Criação livre para figurinos da peça *O Cavalinho Azul*, de Maria Clara Machado.
- *A Rainha Arcaica*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
Capa: detalhe de afresco de Piero della Francesca.

José Godoy Garcia

- "Quijote e os Dois Cavaleiros". Ass.: Gogá.
Óleo/tela.
0,490x0,600
Col. Angélica Godoy Modesto.
- "HRARACA, a esposa de Stroisner do Paraguai".
Sem assinatura e s.d.
Óleo/tela.
0,599x0,795
- *Entre Hinos e Bandeiras*. Brasília, Thesaurus, 1985. Capa: [óleo] do autor.
- *Os Morcegos*. Brasília, Thesaurus, 1986. Capa e ilustrações: Naura Timm. Contracapa do autor.
Capa inicial: Flávio Godoy Modesto.
- *Os Dinossauros dos Sete Mares*. Brasília, Thesaurus, 1988. Capa do autor.

José Lino Grünewald

- "Idéia I, II, III e IV". Sem assinatura. 1962.
Quatro guaches/papel.
0,303x0,456
- *Escrever*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.
Capa de Victor Burton, sobre *O Novo Eleito*, aquarela de Paul Klee.

José Paulo Moreira da Fonseca

- "Hippos". Ass.: J. Paulo 1984.
Litografia P.A.
0,500x0,660
- *Marinha*. Ass.: J. Paulo 75.
Carvão/papel.
0,320x0,470
Col. Anna Maria Esnaty Villela.
- "Sol sobre o Amarelo". Ass.: J. Paulo 1966.
Óleo/tela.
0,980x0,480

- "O Horizonte Indaga". Ass.: J. Paulo 1976.
Óleo/tela.
0,630x0,720
- *Cores e Palavras*. Rio de Janeiro, Léo Christiano, 1982.
Edição bilingüe, 56 reproduções de pinturas a óleo e textos do autor (poesia/prosa). Versão para o inglês: Richard Sporck.

Lélia Coelho Frota

- [Rosa]. Sem assinatura. Déc. 60.
Aquarela/papel.
0,325x0,220
Col. part.
- [Figura]. Sem assinatura. Déc. 60.
Aquarela/papel.
0,330x0,215
Col. part.
- [Zéfiro]. Sem assinatura. Déc. 60.
Aquarela/papel
0,330x0,215
Col. part.
- [Flores]. Sem assinatura. Déc. 60.
Aquarela/papel.
0,320x0,215
- Versos de circunstância, ilustrados com desenhos a caneta-tinteiro, feitos em reunião de ano-bom na casa da escultora Celeida Tostes. Sem assinatura [1988].
Cópia xerográfica, aquarelada pela autora.
- *Poesia Lembrada*. Rio de Janeiro, J. Olímpio/INL, 1971.
Contém nota de Henriqueta Lisboa e poesia de Cecília Meireles. Capa de Maria Leontina.

Lucia Chamma

- "Satúrnia". Ass.: Lucia Chamma 86.
Colagem.
0,525x0,695
- "Homenagem a Richard Estes". Ass.: Lucia Soares de Moura 84.
Colagem.
0,657x0,500.
- "I Thought of him first". Ass.: Lucia Soares de Moura 85.
Colagem.
0,495x0,470
- *Olho d'Água*. Friburgo, s. Ed., 1979. Edição artesanal com ilustrações da autora.

- *Olho d'Água*. Rio de Janeiro, Fontana, 1979. Capa e desenhos da autora (que, na época, se assinava Lúcia Soares de Moura).
- *Porão das Ervas*. Rio de Janeiro, Alhambra, 1987. Capa da autora.

Maria Ângela Alvim

- Sem título [Vinheta]. Sem assinatura, s.d.
Lápis/papel.
0,145x0,061
Col. Maria Lúcia Alvim.
- "Poesia". Ass.: M. Ângela.
Lápis de cor/papel.
0,230x0,155
Col. Maria Lúcia Alvim.
- *Poema*. 2. ed. Rio de Janeiro, Fontana; Brasília, INL, 1980.

Maria Lúcia Alvim

- Sem título. Ass.: Maria Lúcia Alvim/65.
Duas colagens.
0,200x0,1140
- "Caminhar a esmo" e "Homenagem a Vuillard". Ass.: Maria Lúcia Alvim/65
Duas colagens.
0,230x0,155
Col. Maria Pompéia Ferreira Carneiro.
- Sem título [Retratos da mãe da artista]. Ass.: M. Lúcia/63.
Três aquarelas/papel.
0,075x0,065
- Sem título [Retrato da mãe da artista]. Ass.: M. Lúcia/67.
Conté/papel.
0,470x0,315
- Alvim, Maria Ângela. *Superfície*, álbum-colagem por Maria Lúcia Alvim. Exemplar único. Rio de Janeiro, 1978. Capa de Lucia Soares de Moura. Acrescido de um poema manuscrito de Carlos Drummond de Andrade para a autora de *Superfície*.
- *Retratos e Colagens*. Rio de Janeiro, Petite Galerie, 1980. Catálogo de exposição.
- *A Rosa Malvada*. Rio de Janeiro, Clarim, 1980.
Capa-colagem, diagramação da capa interna, do texto e dos desenhos, pela autora. Ilustrações de Martha Lanari Coelho.

Marina Colasanti

- Ilustração para o livro *Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento*. Sem assinatura e s.d.
Nanquim lavado/papel.
0,255x0,180
- Três ilustrações para o livro *Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento*. Sem assinatura e s.d.
Bico-de-pena/papel.
- Sem título. Sem assinatura e s.d.
Gravura.
0,250x0,350
- Sem título. Ass.: M. Colasanti/58.
Monotipia.
0,380x0,280
- Sem título. Ass.: M. Colasanti/61.
Gravura. P.A.
0,350x0,250
- Sem título. Sem assinatura e s.d.
Gravura
0,250x0,350
- *Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento*. Rio de Janeiro, Nórdica, 1982. Ilustrações e capa da autora.
- *Uma Estrada Junto ao Rio*. São Paulo, Cultrix, 1985.
Capa e ilustrações da autora.

Millôr Fernandes

- Estudo para ilustração do livro *Esta é a Verdadeira História do Paraíso*. Sem assinatura e s.d.
Guache e bico-de-pena/papel.
0,285x0,510
- Ilustração para o livro *Esta é a Verdadeira História do Paraíso*. Sem assinatura e s.d.
Técnica mista/cartão.
0,360x0,510
- Desenho e duas pinturas com figuras de militares e pavão.
Sem assinatura e s.d.
Bico-de-pena/papel.
0,332x0,220
Guache/papel.
0,334x0,223
Guache e bico-de-pena/papel.
0,264x0,223
- "Como um Jardim da Infância". Sem assinatura, 1962.
Técnica mista/papel.
0,450x0,290
- "Reischiano". Sem assinatura. 1968.

- Técnica mista/cartão.
0,350x0,510
- "Hai-Kai". Sem assinatura e s.d.
Ecoline e bico-de-pena/papel.
0,250x0,210
 - "O Fogo" (*Fábulas Fabulosas*). Sem assinatura e s.d.
Técnica mista/papel.
0,370x0,515
 - Sem título. Sem assinatura e s.d.
Guache/eucatex.
0,395x0,550
 - *Hai-Kais*. Rio de Janeiro, Nórdica, 1986.
Ilustrações do autor.
 - *Esta é a Verdadeira História do Paraíso*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1972.
 - *Desenhos*. Prefácio de Pietro Maria Bardi. Apresentação de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro, Raízes, 1981.

Naum Alves de Souza

- Disco *O Grande Circo Místico*, de Chico Buarque e Edu Lobo, baseado em poema de Jorge de Lima. Concepção, roteiro, ilustrações de capa e de encarte de Naum Alves de Souza (1982). Rio de Janeiro, Som Livre/SIGLA, 1983.
Col. Mário Borges.
- Seis trabalhos [Figuras]. Ass.: NAUM/82.
Pastel e aquarela/papel.
0,153x0,220
Col. Rita Murtinho.
- Sem título. Ass.: NAUM/82.
Pastel/papel.
0,300x0,445
Col. Marieta Severo.
- Ilustrações para o programa da montagem paulista de *Macunaíma*. São Paulo, agosto de 1978.
Col. Mário Borges.
- *No Natal a Gente Vem Te Buscar*. São Paulo, s.Ed., 1980.
Desenhos do autor. Fotos: André M.B. Alves e Miro. Livro composto manualmente pelo autor, tendo sido tirados 30 exemplares, numerados e assinados.
Col. Mário Borges.
- *A Aurora da Minha Vida*. São Paulo, M.G. Ed. Associados, 1982. Ilustrações do autor. Capa: Cesar Landucci Neto.
Col. Mário Borges.

Nicolas Behr

- *Brasiléia Desvairada*. Brasília, Pobrás, 1979. Desenhos de Henrique, irmão do autor, e foto de Humberto Lemos.
- *Iogurte com Farinha*. Brasília, Pobrás, 1977.
- *Chá com Porrada*. Brasília, Pobrás, 1978. Capa e ilustração do autor.
- *Posições e Algumas Imposições*. Brasília, Pobrás, 1979. Ilustrações do autor.
- *Te Amo 24 Horas por Segundo*. Brasília, Pobrás, 1979. Capa do autor.
- *Grande Circular*. Brasília, Pobrás, 1978. Foto: Humberto Lemos. Ilustrações do autor.
- *Restos Mortais*. Brasília, Senado Federal, 1980. Ilustrações do autor.
- *Bagaço pra Ler com os Dentes*. Brasília, Pobrás, 1979. Ilustração do autor.
- "Te Amo 24 Horas por Segundo". Cartaz-poema, sem assinatura, s.d.
Serigrafia/papel.
0,230x0,170
As peças acima descritas pertencem à col. Francisco Alvim.

Olga Savary

- Retrato do pintor Aldemir Martins. Ass.: Olga Savary/Rio, 1967.
Esferográfica/papel.
0,125x0,090
- "Flávia 17 Anos (Minha Filha)". Ass.: Olga Savary/1973.
Bico-de-pena/papel.
0,160x0,090
- "Retrato de Dostoiévski". Ass.: Olenka/Rio/51.
Lápis/papel.
0,165x0,135
- "Ouro Preto – Macaé". Ass.: Olga Savary/1962.
Guache/tela.
0,160x0,260
- "Retrato de Clarice Lispector". Ass.: O. Savary/Rio, 1987.
Esferográfica/papel.
0,275x0,220
- "Autocaricatura". Ass.: Olga Savary/Rio, 1986.
Esferográfica/papel.
0,190x0,110
- *Linha - d'Água*. São Paulo, Massao Ohno; Rio de Janeiro, Hipocampo Editores, 1987. Prefácio de Felipe Fortuna.

Desenhos de Kazuo Wakabayashi. Foto de capa: Ciça Alves Pinto.

- Marcuse, Ludwig. *Freud e a Píscanaálise*. Lisboa, Livros do Brasil, s.d. Encadernação particular, com retrato de Freud desenhado por Olga Savary.
- Durrell, Lawrence. *Justine*. Rio de Janeiro, Ulisséia, 1960. Encadernação particular com retrato do autor desenhado por Olga Savary.

Orlando da Costa Ferreira

- *Dois Poemas Incidentes*. Recife, O Gráfico Amador, 1961. Edição de 140 exemplares, numerados e rubricados, com vinhetas do autor.
Col. Lize da Costa Ferreira.
- Suassuna, Ariano. *O Casamento Suspeitoso*. Recife, Igaraçu, 1961.
Capa de Orlando da Costa Ferreira.
Col. part.
- Leite, Sebastião Uchoa. *Dez Sonetos sem Matéria*. Recife. O Gráfico Amador, 1960. Projeto gráfico e vinhetas de Orlando da Costa Ferreira.
Col. Lize da Costa Ferreira.

Octávio Mora

- "Barcaça". Ass.: Mora/74.
Óleo/eucatex.
0,605x0,290
Col. Anna Maria Esnaty Villela.
- [Paisagem]. Ass.: Mora/88.
Lápis/papel.
0,320x0,475
- "Cabo Frio – Boca do Canal".
Sem assinatura e s.d.
Óleo/eucatex.
0,305x0,650
- *Ausência Viva*. Rio de Janeiro, Livr. São José, 1956. Capa com vinheta de Otaviano.

Paulo Gomide

- "Imagens na Vidraça". Ass. no verso: Paulo Gomide/Fev⁹ 1964.
Óleo/tela.
0,530x0,640
Col. Sylvia Cunha da Rocha Gomide.

- "Auto-retrato". Sem assinatura, 1932.
Óleo/eucatex.
0,45x0,320
Col. Sylvia Cunha da Rocha Gomide.
- Sem título. Ass.: Paulo 30.12.44.
Óleo/tela.
0,400x0,320.
Col. Sylvia Cunha da Rocha Gomide.
- *Hel!* Rio de Janeiro, s.Ed., s.d. ilustrações do autor.
Col. Lélia Coelho Frota.
- *Águas-fortes do Piabanha*. Petrópolis, s.Ed., 1956. Exemplar nº 18, rubricado pelo autor, numa tiragem de 20. Na capa, ilustração de Gomide (bico-de-pena e aquarela), com dedicatória a Lélia Coelho Frota.
- *Gomide 960*. Rio de Janeiro, Indústria Gráf. Carioca, 1962. Ilustrações do autor. Exemplar nº 95, rubricado por Gomide, numa tiragem de 100.
Col. Lélia Coelho Frota.

Paulo Mendes Campos

- "Pássara". Sem assinatura [déc. 60].
Lápis de cor/papel.
0,215x0,165
- "[Pássaro]". Sem assinatura. [déc. 60].
Estereográfica/papel.
0,300x0,210
- Sem título. Sem assinatura, Natal 77.
Caneta hidrográfica/papel.
0,220x0,330
- [Figura]. Ass.: PMC 13/XI/63.
Caneta hidrográfica/papel.
0,310x0,235
- "*Disjecta Membra*". Sem assinatura e s.d.
Técnica mista/papel.
0,220x0,330
- "Gêmeas Imbatíveis a Caminho do Céu". Ass.: Paulo, Nov. 78.
Tinta plástica/papel.
0,225x0,310
- *Poemas*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984.
Col. Poesia Hoje. Capa: Eduardo, sobre pintura de Raoul Dufy.

Tite de Lemos

- "Nova Trova". Sem assinatura [1988].

Letraset/papel.

0,700x0,730

- "Só porque Há Chaves É que Há Cadeados". Sem assinatura [1974].

Soneto e desenho a caneta hidrográfica/papel.

Montagem de Piedade Castello-Branco.

0,360x0,485

Col. part.

- *Corcovado Park*. Prefácio de Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. Capa: de Victor Burton, sobre aquarela de Roberto Magalhães. Contracapa e p.97: desenhos do autor.
- *Marcas do Zorro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1979. Capa do autor.